





### Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto  
Burkert Del Pino  
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise  
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise  
Marcos Bussolleti  
Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira  
Hypolito  
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Luciano  
Volcan Agostini  
Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff  
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz  
Osório Rocha dos Santos  
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira  
Wotter  
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger  
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers  
Acunha  
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus  
Mandagará Martins

#### CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo  
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.  
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana  
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.  
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba  
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.  
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia  
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

#### INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira  
Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

#### NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Veronica Medeiros dos Santos

**HISTÓRIA EM REVISTA** – Publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFP)  
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).  
Prof. Tommaso Deti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

#### Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

#### Impresso no Brasil

Edição: 2015/2016

ISSN – 1516-2095

#### Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
v.21/v.22, (dez. 2015/ dez. 2016). – Pelotas:  
Editora da UFPel, 2015/2016.  
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

\* Obra editada e publicada em dezembro de 2017

volume

21

dezembro 2016  
ISSN 1516-3633

volume

22

dezembro 2016  
ISSN 1516-3633

ICH - UFPEL

OPINIÃO PÚBLICA JK PORTO MST GRANDE HOTEL  
REVOLTA DOS MARINHEIROS BUENOS AIRES  
AMÉRICA LATINA JORNAL DO BRASIL  
RIO GRANDE SÃO LOURENÇO MUCKERS DO SUL  
RAÇA TRABALHO PIRATINI  
PARTEIRAS DIÁRIO POPULAR MULHERES ANTIGONA  
CATIVOS SANTA MARIA IMPRENSA  
PELOTAS DIREITO HISTÓRIA ORAL



**H**istória em revista

revista do núcleo de documentação histórica



# “CARREGAR E ARRUMAR”: MEMÓRIA E TRAJETÓRIA DA CATEGORIA ARRUMADORA DO PORTO DE RIO GRANDE-RS NOS ANOS DE 1955 A 1964.

“LOAD AND TIDY”: MEMORY AND TRAJECTORY OF THE ARRUMADORA  
CATEGORY OF RIO GRANDE- RS PORTO, IN THE YEARS 1955-1964.

Elvis Silveira Simões<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Este trabalho trata-se de minha proposta de Projeto de Pesquisa, o qual buscará reconstruir a trajetória das experiências e relações cotidianas de trabalho da categoria Arrumadores do Porto de Rio Grande, nos anos de 1955 a 1964. Portanto, nossa pesquisa terá como foco analisar, através da memória reavivada, a formação de sua categoria, buscando compreender da fundação de seu sindicato, aos principais elementos que compõem as suas atividades de trabalho no cais, bem como sua relação com as demais categorias existentes no ambiente de trabalho portuário. Nosso recorte se limitará entre os anos de 1955 e 1964, uma vez que caracterizam tanto o período em que os trabalhadores tornam-se oficialmente a força supletiva portuária em Rio grande; assim como, o período de 64 caracteriza segundo a bibliografia referente, como um momento de repressão sindical, devido à instituição da Ditadura Civil-Militar no Brasil.

**Palavras-chave:** Arrumadores; Porto; História Oral.

---

## Introdução

Este trabalho buscará apresentar uma proposta de pesquisa em desenvolvimento, a qual tem como temática o trabalho portuário, e objetiva reconstruir as experiências e relações cotidianas de trabalho da categoria dos Arrumadores do porto de Rio Grande, nos anos de 1955 a 1964, assim como da fundação de seu sindicato<sup>2</sup>. Assim sendo, buscaremos apresentar as bases das quais nos utilizaremos para o desenvolvimento desta futura pesquisa.

Damos início procurando compreender as atividades dos Arrumadores, principalmente, o que faziam e onde se enquadravam esses trabalhadores diante das inúmeras atividades laboriosas do porto. Podemos definir sucintamente que

---

<sup>1</sup> Pós-graduando em História pela Universidade Federal de Pelotas e em Linguagens Verbo/Visuais e Tecnologias pelo Instituto Federal Sul Rio Grandense. E-mail para contato: elvis.simoes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Segundo informações obtidas pelo site do Sindicato dos Arrumadores, Trabalhadores Portuários Avulsos em Capatazia do Rio Grande & São José do Norte (Sindatacap), sua fundação ocorreu em 16 de Março de 1955. Disponível em < [http://arrumadoresrg.com.br/index.php?n\\_sistema=3012](http://arrumadoresrg.com.br/index.php?n_sistema=3012) > acessado em 26/07/2015 as 18:27

os Arrumadores são a força supletiva do trabalho portuário, os quais visavam completar o quadro de vagas, quando disponíveis, dos serviços de capatazia e estivagem de cargas. Encontramos no livro Manual do Trabalho Portuário e Ementário, uma definição que nos permite refletir sobre seus diversos aspectos:

Quando não possuíam empregados em número suficiente, as administrações dos portos complementavam os serviços de capatazia com a utilização de trabalhadores avulsos da categoria denominada “arrumadores” (avulsos que atuavam fora dos portos executando movimentação de mercadorias nos armazéns gerais), mediante contrato celebrado com o respectivo Sindicato. Esses eram a “força supletiva” dos empregados de docas ou da administração do porto. Muitas vezes, esses mesmos avulsos continuavam realizando serviços fora dos portos, nos armazéns gerais. (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2001, p.21).

Estes trabalhadores geralmente atuavam, antes de 1954, fora do porto, organizando as cargas nos armazéns externos, em empresas privadas. Contudo, somente a partir da Lei nº 2.196, de 1º de abril de 1954, o até então Sindicato dos Trabalhadores no Comércio Armazenador<sup>3</sup>, passa a se denominar Sindicato dos Arrumadores, tornando então oficialmente os Arrumadores a força supletiva do porto (REIS, 1973, p. 166). Tendo como referência Falcão (2009), os Arrumadores, ao lado da capatazia trabalhavam em terra, ou junto aos estivadores nos porões dos navios, quando se tratava de carga geral ou a granel, que era a mais pesada e rendosa financeiramente. Desta forma, podemos afirmar que, como se tratavam de um quadro-extra, pegavam, dentro do porto, as cargas mais pesadas e que possibilitavam menor remuneração, comparado aos trabalhadores que tinham prioridade para responder as chamadas.

Pela Lei nº 2.196, no Porto Organizado, a fim de que pudessem desenvolver suas atividades em meio as demais categorias de trabalho, a contratação dos serviços dos Arrumadores coube à Administração do Porto. Para Falcão (2009), o trabalho no porto organizado, o qual se denomina Operação Portuária, envolve as operações principais e as complementares. As principais, se dão através do movimento de carga e descarga, armazenagem e liberação dos produtos; as complementares, se caracterizam pela identificação das mercadorias, despacho, assim como reconhecimento de avarias e sistemas de informação.

Sabendo disto, partimos para uma breve discussão bibliográfica a respeito da história do porto e de seus trabalhadores, ao mesmo tempo em que

---

<sup>3</sup> Em fichas de registros dos trabalhadores de Rio Grande, de 1952, constatamos que o sindicato se chamava: Associação Sindical dos Trabalhadores de Transportes Carga e Descarga de Rio Grande.

buscamos abordar uma visão que venha, assim como nos diz Oliveira (2007) a respeito das novas tendências historiográficas sobre o porto, “[...] explorando outras dimensões, sobre trabalho e trabalhadores no Porto.” (OLIVEIRA, 2007, p.4).

Tomamos como ponto de partida, a fim de compreender as atividades portuárias em Rio Grande, nosso cenário de pesquisa, o século XIX, por se caracterizar um momento chave para o desenvolvimento da, até então, Vila de São Pedro. Tendo como referência Magalhães (1993), logo às vésperas da Revolução Farroupilha (1835) haviam dois eixos constituídos por Pelotas e Rio Grande, os quais atuavam como núcleos da pecuária da campanha, desenvolvendo a indústria e exportação da pecuária; de outro lado Porto Alegre e Rio Pardo, sendo especializados nos transportes e na comercialização de gêneros produzidos no interior e colônia. Se por um lado Pelotas tinha como principal atividade a produção de charque, Rio Grande era a principal exportadora deste e demais produto da região. E através desta atividade exportadora, Rio Grande obteve grandes benefícios, pois por contar com uma elite, segundo Pedroso (2012), ligada diretamente com o Rio de Janeiro e outros países, possibilitou que esta urbe ganhasse notoriedade como centro comercial, o que acabou gerando necessidades de melhorias na estrutura urbana. Compreendendo, portanto, que o desenvolvimento de Rio Grande estava diretamente relacionado com a atividade portuária.

Todavia, com o desenvolvimento das atividades de exportação, seu cais necessitou de melhorias, uma vez que não comportava mais o fluxo de carga que passou a ter. A construção de um novo porto durou nove anos, tendo sido concluída em 1915. Esta obra foi fundamental para o crescimento da nova demanda portuária. Esta construção se tornaria significativa ao longo dos anos, pois assim percebemos no dizer de Falcão (2009), o qual versa que nos anos 50 foi elaborado o relatório da comissão mista entre Estados Unidos e Brasil, no qual constava que o porto de Rio Grande era o principal da região, sendo dele dependentes o de Pelotas e de Porto Alegre.

Entretanto, ainda no começo do século XX, ao mesmo tempo em que a construção do novo porto possibilitou um maior fluxo de carga, gerou uma requisição maior de mão de obra, de forma que, os trabalhadores passaram a se instalar nas proximidades do porto<sup>4</sup>, gerando vilas e bairros de operários, entre

---

<sup>4</sup> Uma vez que as atividades econômicas estavam ligadas ao porto, era vantajoso aos trabalhadores poderem morar nas proximidades, pois facilitava sua locomoção, uma vez que a busca por vagas de serviços no porto eram diárias.

os quais destacamos o Bairro dos Cedros<sup>5</sup>, o qual posteriormente será conhecido como Bairro Getúlio Vargas. Este se constituiu nas imediações do cais, a partir da conclusão da obra do novo porto, pela Cie. Française, na região conhecida como Terrapleno Leste, separando o porto do centro urbano.

A bibliografia pertinente ao tema da história do porto nos trás algumas características que pretendemos abordar ao longo de nosso trabalho, dentre as quais salientamos as experiências nas relações de trabalho, os estigmas de ser um trabalhador portuário e o cotidiano dos mesmos. Contudo, é importante observar que nenhuma destas obras buscou abordar o Sindicato dos Arrumadores no contexto riograndino, gerando desta forma uma lacuna historiográfica nas relações e trajetórias trabalhistas do mesmo.

Pinheiro (1998), tratando sobre os estivadores de Manaus, nos faz refletir a respeito das experiências e dos estigmas sociais legados a esta categoria, uma vez que ser um trabalhador do porto era ser visto como rude: “São vistos como seres embrutecidos pelo trabalho, o que lhes forjou hábitos cotidianos tidos como poucos sociáveis” (PINHEIRO, 1998, p.218). Para a autora, a superação destes estereótipos se deu a partir das suas experiências cotidianas específicas da categoria, as quais foram percebidas nos seus espaços de viver na cidade.

Gandra (1999) buscou a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande, analisando o “fazer-se” dos trabalhadores de capatazia do porto, nos anos de 1959 a 1969. Já Oliveira (2000), discorre sobre os estivadores de Rio Grande, nos anos de 1945 a 1993, buscando entender a identidade desta categoria através do cotidiano e das relações de trabalho. Assim como o trabalho de Pedroso (2012), que versa sobre a constituição do bairro Cidade Nova, tangendo ao mesmo tempo a questão portuária, nos anos de 1950. Tonar-se importante referenciar a tese de Falcão (2009), que trata sobre a história dos trabalhadores do porto de Porto Alegre em 1961 a 1989, analisando suas trajetórias e nos trazendo importantes reflexões sobre os trabalhadores Arrumadores. Cabe-nos também referenciar outros autores que tratam sobre o tema portuário, como os que estudaram sobre o Porto de Santos, Fernando Teixeira da Silva, Ingrid Sarti, Maria Lucia Caira de Githay, assim como a de Maria Cecília Velasco que escreveu sobre o porto de Rio de Janeiro.

Tais abordagens possibilitam traçar um perfil do trabalhador portuário, contudo nosso foco é analisar, principalmente, a categoria dos Arrumadores de Rio Grande, a qual, como vimos, mesmos os pesquisadores que discutem a trajetória dos trabalhadores no porto riograndino, não deram atenção especial.

---

<sup>5</sup> Segundo Pedroso (2012), este foi um dos bairros que cresceram carentes de qualquer infraestrutura.

Torna-se importante, portanto, compreender como ela se inseriu junto ao porto, uma vez que a partir de 1954, se tornaram oficialmente parte do conjunto da força de trabalho portuário. Compreendemos, portanto, como sendo importante esta abordagem, uma vez que o trabalho no porto se apresentava com uma natureza ocasional, pois dependia das embarcações estarem atracadas, assim como da necessidade numérica de um quadro de obreiros para carregar e descarregar os produtos que seriam transportados.

Em Oliveira (2007), podemos refletir sobre a natureza ocasional do trabalho, a qual causava um grande impacto no orçamento familiar, gerando insegurança para os mesmos trabalhadores.

A característica fundamental deste sistema encontra-se na extrema flexibilidade na contratação dos trabalhadores. Com isto, diariamente uma multidão de candidatos aglomerava-se nos portões dos portos para conseguir trabalho. Este sistema de contratação ficou conhecido como “free call” – Inglaterra -, “shape up” – Estados Unidos -, ou “parede” – Brasil -” (OLIVEIRA, 2007, p.5).

Gitahy (1992) faz uma importante reflexão para o cotidiano do trabalhador, na qual aponta que seus filhos tinham um profundo conhecimento do trabalho dos pais, e referindo-se ao porto de Santos, onde estes, por morarem nas proximidades do porto, podiam observar os navios que se aproximavam e partiam. Esta relação oportunizaria um ofício que se passaria de pai para filho.

As relações familiares traziam vantagens para o ingresso no trabalho. Oliveira (2007), ao analisar os estivadores riograndinos, nos diz que a relação parentes e agregados se mostrou expressiva nas relações de trabalho, e atribuiu a este fator a descontinuidade do trabalho, pois acarretava uma insegurança salarial. Nesta perspectiva, com o passar dos anos, os próprios filhos ingressavam neste meio de trabalho, contribuindo para o sustento da família.

Compreender estas relações, tanto familiares como no grupo das categorias, é de suma importância para entender “o saber fazer”, na qual, segundo Oliveira, estava ligado a transmissão de conhecimento dos mais velhos para os mais novos. Eram conhecimentos adquiridos pela experiência adquirida ao longo dos anos pelos trabalhadores “sendo uma tradição no porto, onde os segredos da profissão, que não eram poucos, têm que ser transmitidos pelas instruções práticas e pelo exemplo dado no convívio com os mais velhos, num aprendizado cotidiano.” (OLIVEIRA, 2007, p.5)

Tanto Gitahy, como Oliveira, trazem importantes reflexões sobre o aspecto familiar para a construção de uma categoria, principalmente no que tange o aprendizado do ofício. Todavia, o ofício do arrumador não se restringia somente ao porto, pois como já vimos, ele também trabalhava junto aos



armazéns do comércio. Tal aspecto precisa ser problematizado, afim de compreender o que levou esses trabalhadores a migrarem para o porto e como se dava o aprendizado do ofício, assim como suas relações com as demais categorias.

Conseguir uma vaga no trabalho, dentro do porto, significava disputar diante das chamadas, frente aos demais trabalhadores e categorias, ainda mais no caso dos Arrumadores que serviam de força supletiva. Desta forma, existia alguma maneira de facilitar este ingresso? Na pesquisa realizada por Gandra (1999), percebe-se que na cidade do Rio Grande, o trabalhador portuário adquiria sua matrícula na Capitania dos Portos através de afeições políticas, e através da carta de apresentação os mesmos eram considerados aptos a responder as chamadas. Segundo as bibliografias que tratam do trabalho no porto podemos entender que através das relações paternalistas e conchaves políticos, os trabalhadores dispunham de algumas vantagens para aquisição de emprego. Esta questão costumeira de ingresso, no caso dos Arrumadores, por se configurarem a foça complementar dos serviços de estivadores e capatazia, poderia ter impacto junto a um arrumado, uma vez que segundo a pesquisa de Falcão (2009), existia por parte destes a associação a diversos sindicatos, pois isto ampliava suas zonas de atuações dentro do porto. Outra forma peculiar era através do futebol, segundo Falcão (2009) pode perceber, através do relato de um trabalhador, Geraldo da Silveira, o qual foi convidado a ingressar no serviço portuário por esse intermédio. Apesar de este ser um relato obtido de um estivador, torna-se relevante para nossa pesquisa na medida em que permite nos indagar se esse tipo de relação também não era vista entre os Arrumadores. Sabemos, através da bibliografia pertinente, que tais exemplos demonstram que nas relações cotidianas, tanto os aspectos familiares, políticos ou de esporte, eram de grande importância para a vida do trabalhador portuário, o que se refletia em possíveis vantagens nas relações de trabalho. Contudo, tais abordagens não dizem respeito, especificamente, a categoria dos Arrumadores de Rio Grande.

Nossa proposta de pesquisa estabelece como fim o começo do período ditatorial de 1964, no qual segundo Falcão (2009), por conta da repressão, não houve espaço para reivindicação, mas sim prisões, torturas e arrocho salarial. Fechou-se, nesse período, o campo de greves e reivindicações dos trabalhadores. De acordo com Silva (2014), ao abordar o Sindicato dos Estivadores, antes deste período, os trabalhadores de Rio Grande reivindicavam com paralisações no porto, as quais eram decididas (em momentos específicos e pertinentes) em conjunto com os sindicatos de outros portos do Brasil. Todavia, esta percepção esta relacionada aos estivadores de Rio Grande, e não à categoria dos

Arrumadores. Sendo assim, no decorrer de nosso trabalho, iremos buscar estas abordagens sindicais de lutas por direitos, e como, inicialmente, o período ditatorial teve impacto junto aos Arrumadores de Rio Grande. Para Barros e Carvalhal “[...] com o golpe de Estado em 1964, há um declínio do intenso crescimento das forças sociais na participação política no Brasil, podendo ser caracterizada como uma verdadeira derrota para o movimento operário [...]” (BARROS; CARVALHAL, 2014, p.5). E, segundo o pensamento de Falcão (2009), o ano de 1964 marcou para os trabalhadores uma perda da crença de um estado promissor, o qual asseguraria as leis e a cidadania, tendo nos primeiros anos havido intervenções em 761 sindicatos, e assim através do controle submeteram as atividades sindicais.

### **Enfoque teórico e metodológico**

Quando tratamos de teoria e método é importante observar que de nada servem nossas fontes sem um diálogo conceitual que nos permita uma interpretação das mesmas, possibilitando uma síntese para responder nossa problemática de pesquisa. Uma vez que, segundo Reis (2010), “O passado não fala por si, mas através do que se conhece dele” (REIS, 2010), faz-se relevante destacar que o historiador não reproduz fatos, mas sim seleciona e dá significados a eles, busca compreender as possibilidades e os desdobramentos dos acontecimentos. Partindo deste pressuposto, encontramos nos conceitos de Cotidiano, Experiência histórica e Identidade as bases que possibilitaram desenvolver esta questão, e sob as quais buscaremos traçar o perfil dos trabalhadores Arrumadores frente às demais categorias do porto e sua constituição enquanto grupo.

Desta forma, tomaremos como referência o conceito de Cotidiano a partir do pensamento de Heller (1992), uma vez que a autora nos diz que o cotidiano é a vida do homem. A cotidianidade, desta forma, é o centro do acontecimento histórico, e assim transformando o sujeito em integrante da ação histórica. Tal compreensão será de suma importância em nossa pesquisa, uma vez que através do cotidiano podemos identificar as relações sociais. Um entendimento mais aprofundado deste cotidiano, associando os acontecimentos em atas, fichas, jornais e etc., assim como através dos relatos dos trabalhadores, feitos por intermédio do método de História Oral, nos possibilitará dar sentido aos acontecimentos históricos. Desta forma, lançar mão de uma análise das vivências dos trabalhadores, nos permite compreender suas relações de trabalhos, experiências e costumes, observar suas estratégias de cooperação em grupo; tornando-os sujeitos da ação histórica, uma vez que para Heller, “a vida

cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” (HELLER, 1992, p.20). Portanto, se quisermos entender as ações e motivações destes trabalhadores, é de grande relevância que nos aprofundemos no cotidiano de suas atividades, dentro e fora do porto.

Outro autor com o qual buscaremos dialogar é Thompson (1981), no referente a seu entendimento quanto a Experiência histórica, uma vez que esta “compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15). Assim como abordamos logo a cima, o indivíduo é participante dos acontecimentos históricos, portanto não descartamos a hipótese de que tenham havido pressões por parte dos Arrumadores, ou mesmo conflitos frente às demais categorias, e que isto possa ter levado a fundação de seu sindicato. As experiências advêm das relações de interesses entre os indivíduos e os grupos, e sendo através dos conflitos que se constituem em experiências para a formação de uma consciência de classe e em uma identidade de grupo, uma vez que “experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados.” (THOMPSON, 1981, p.16).

Ademais, o conceito que nos permitirá lançar um olhar mais analítico e aprofundado de nossas fontes, se relaciona a concepção de Identidade, a qual entendemos como fruto das relações sociais com os demais indivíduos, e neste caso, também com as diferentes categorias do porto. Woodward (2014), no livro *Identidade e Diferença*, nos trás importantes reflexões sobre este conceito. Para a autora, a identidade é relacional, e se constitui na diferença, ou seja, naquilo que diferencia os grupos. Todavia, o papel da Identificação também se constitui como importante na construção da identidade, uma vez que é “[...] o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência de diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades [...]”. Desta forma, a identidade se constitui através de um jogo de inclusão e exclusão, as quais delimitam o que diverge um grupo de outro, seja através do compartilhamento de seus símbolos, assim como de suas experiências históricas. Para Silva (2005) a identidade se dá pela forma como os indivíduos se vêem e se constituem frente aos outros, sendo uma construção simbólica e social, e desta forma “a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas pelos quais são representadas” (SILVA, 2005, p.8). Portanto, o ser arrumador está ligado as práticas, experiências, memórias e costumes que os

diferenciavam das demais categorias.

Em suma, tais conceitos, sucintamente abordados aqui, nos possibilitaram uma interpretação adequada de nossas fontes. Segundo Thompson (1981), o discurso histórico deve existir através do diálogo entre o conceito e a evidência, conduzidos através de hipóteses e de uma análise empírica. Nossa fonte é o elo com o passado, é a evidência, ou como diria Ginzburg (1989), é o indício, com o qual podemos reconstruir um passado que não vivenciamos. Portanto, o conhecimento histórico se dá de forma indireta, ou seja, através das diversas pistas que possuímos. Todavia, a fonte não fala por si, é preciso submetê-la a uma interpretação que de um significado histórico, pois sua criação não foi dada para este fim. Portanto, concordamos quando Reis (2010), ao abordar o pensamento de Paul Ricoeur, quando nos diz que a história não se fecha sobre si mesma, mas se utiliza de bases exteriores para sua compreensão. A história possui uma relação de representante, através da reconstrução do passado, da realidade, expondo experiências vividas.

No que se refere a nosso trato metodológico, buscaremos neste momento desenvolver dois dos aspectos principais sob as quais nos pautaremos, sendo através de análises qualitativas e quantitativas, e na utilização da abordagem de História Oral. Estas opções se justificam através do caráter diversificado de nossas fontes. Estas se constituem tanto de documentos oficiais, assim como de documentações particulares dos trabalhadores<sup>6</sup>; outra fonte que nos utilizaremos também será obtida através das entrevistas realizadas com os trabalhadores portuários, tendo como enfoque principal os Arrumadores.

Quanto às fontes documentais foram encontradas Atas das Assembleias dos Arrumadores, da década de 60, assim como documento de Protocolo para Entregas de Correspondências e Fichas de Registros dos mesmos, anterior ao período de fundação do sindicato, 1955. Buscaremos realizar pesquisas nos Arquivos de Jornais da Biblioteca Pública de Rio Grande, o Arquivo da Associação dos Trabalhadores Aposentados e Pensionistas de Rio Grande (ATAPRG), Arquivo da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), Arquivo de Recursos Humanos do Porto de Rio Grande e Arquivo Morto da Superintendência do Porto (SUPRG).

A partir do pensamento de Bacellar (2010), o documento não é neutro, portanto, deve ser entendido no contexto de sua época, sendo assim nas análises do documento é preciso o contextualizar, sabendo quem o escreveu, com que

---

<sup>6</sup> Estas envolveram fotografias e demais documentos produzidos pelos próprios trabalhadores.

propósito, assim como sob quais condições foram escritos. Para tanto, será consultada a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), principalmente no período de 1954 a 1964.

Com relação a nossas fontes orais, entramos em contato com o Sindicato dos Arrumadores de Rio Grande, e através do diretor Amarante Couto, pudemos mapear uma série de indivíduos e seus nomes, para posteriormente realizar as entrevistas. Destacamos dentre os quais o próprio diretor que além de ser um arrumador, teve como pai um atuante nesta profissão. De forma informal, este nos prestou um interessantíssimo relato sobre suas experiências, tanto como filho de arrumador, como de sua própria vivência no exercício de seu ofício.

Todavia, afim de que nossas fontes trabalhem em nosso favor, será necessária uma organização prévia de seu conteúdo, para que depois possa ser analisado de forma eficiente. E entendemos, nas palavras de Pimentel que

Organizar o material significa processar a leitura segundo critérios de análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como fichamento, levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio (PIMENTEL, 2001, p.184).

Assim sendo, será através de uma abordagem quantitativa, que buscaremos traçar o contexto dos Arrumadores, ao mesmo tempo em que identificar suas relações de trabalho enquanto categoria. Através deste acúmulo de fontes, poderemos realizar um cruzamento dos dados obtidos, para melhor compor o período e o ambiente de atuação destes trabalhadores. Todavia, a partir de uma análise qualitativa, daremos ênfase e aprofundamento em questões propostas no decorrer das pesquisas, visto que como bem nos lembra Hobsbawm (1998) é impossível recompor o passado em sua plenitude, cabendo desta forma ao historiador selecionar o que será estudado.

## **História Oral em Perspectiva**

Assim como dissemos, nosso trabalho também se pautará em uma análise dos relatos dos trabalhadores portuários, e para que possamos realizar esta análise, será necessária a coleta de entrevistas com os trabalhadores do sindicato dos Arrumadores de Rio Grande. Como método, nos utilizaremos da abordagem de História Oral, a qual consiste em tomar os relatos dos sujeitos que vivenciaram um determinado período, dando voz e tornando-os protagonistas do acontecimento histórico.

Assim sendo, segundo Vangelista (2001), para descrever o meio social e reconstruir suas características, a história oral se utiliza de memórias pessoais. Tal metodologia nos trás instigantes e novos pontos de vistas para construção do saber histórico, enriquecendo e propondo novos debates, uma vez que possibilita a integração de setores marginalizados e sem grande expressividade em documentações oficiais. Quando abordada a questão da oralidade por Thompson (1998), em seu livro *Costumes em Comum*, ele nos conduz a compreensão de que a tradição oral é importante para o costume, uma vez que nela está grafado o que pode não estar em outros registros, como crenças e normas, os quais muitas vezes nascem da prática e estão ligados a memória dos mais velhos. Desta forma, o trabalho de História Oral nos abre um novo leque de possibilidades de percepções como motivações e sentimentos construídos pelo próprio indivíduo. Portanto ela tona-se importa ainda que se possuam documentações escritas.

Alberti (2008) nos trás um panorama de possibilidades de construção histórica através do método de História Oral, dentre elas destacamos a possibilidade e a riqueza que tal método permite para “[...] o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas.” (2008, p.166), assim como História do Cotidiano e Trajetória de grupos e profissões. Desta forma abrangendo um amplo espectro da inserção desses atores históricos no conjunto social, trazendo suas compreensões dos acontecimentos a partir de vivências próprias e das relações que estabeleciam com os demais indivíduos.

Portanto, a construção de nossa pesquisa estará fundamentada principalmente junto a metodologia de História Oral, pois

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência - isto é, de identidade. (ALBERTI, 2008, p.167)

A partir desta abordagem, precisamos compreender um dos principais aspectos do qual se pautará nosso trabalho: a Memória. Tais questões de Identidade, cotidiano e experiências históricas se apresentaram em nosso trabalho através, tanto por intermédio da documentação oficial e de jornais, assim como dos mecanismos da memória, uma vez que parte de nossas fontes se constituirão de entrevistas com os trabalhadores Arrumadores. Sendo assim, cabe-nos apresentar nosso entendimento sobre como a memória destes trabalhadores será útil para nossa pesquisa. Tomamos o dizer de Chauí (1995), a qual se refere à memória como uma evocação do passado, uma vez que esta é a capacidade de reter e guardar os acontecimentos da perda total. Esta memória

pode ser vista como uma forma de inter-relações com demais grupos, e como refere Halbwachs (1990), ela é um fenômeno social, portanto coletivo, sofrendo influências do social/cultural. Quando pensamos em memória, concordamos que ela “é a matéria prima da história, e a história é só uma representante da memória, enriquecendo-a e aprofundando a mesma.” (REIS, 2010, p.42)

Passerini (2011) aponta que a oralidade nos permite remontar as emoções da vida cotidiana dos indivíduos, possibilitando entrar em contato com o que geralmente não está expresso nos documentos, os sentimentos. É através da memória que podemos ter acesso a essa oralidade, ou seja, a partir da vivência e das experiências obtidas pelas pessoas. Assim sendo, será em conjunto com as memórias dos Arrumadores, que buscaremos compreender os sentidos que esses indivíduos davam para suas ações, uma vez que segundo Friderichs (2013):

[...] a tentativa dos narradores em manter um sentido para as suas vidas, buscando lembrar ações que se mostrassem coerentes nas suas escolhas. [...] Nesta perspectiva, nos relatos autobiográficos, procura-se encontrar uma coerência, uma linearidade lógica para a vida, buscando sempre conferir um sentido para as ações, por mais casuais que elas pareçam. (FRIDERICHS, 2013, p.21).

Quando pensamos na memória que um grupo seleciona lembrar, temos referência também em Candau (2002), o qual nos diz que os sujeitos que vivenciam uma determinada situação em um espaço social comum, tendem a ter relatos parecidos do passado, delineando o que é pertinente ser lembrado.

Sob esta perspectiva optaremos para trabalhar com entrevistas de final aberto, as quais “se caracterizam pelo direcionamento a um tema específico, pelo qual o entrevistador, ao encaminhar a entrevista, possibilita ao entrevistado uma dinâmica mais espontânea e flexível.” (SILVA, 2014, p.798), ao mesmo tempo em que possibilita que os mesmo expressem suas opiniões e anseios. Embora seja necessário tomar o devido cuidado quando abordamos o método de História Oral, visto que as lembranças podem vir com resquícios e influências de vida posterior ao momento do relato<sup>7</sup>. Afim de que possamos contornar tais dificuldades, nos utilizaremos dos métodos quantitativos e qualitativos, conforme já citados, bem como do cruzamento destas diferentes fontes, buscando contextualizar as memórias desses entrevistados. Todavia, reiteramos a importância desta abordagem pois ela visa “[...] privilegiar a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do

---

<sup>7</sup> Reis, ao abordar Paul Ricoeur, nos permite refletir que “[...] a memória é vulnerável, pois o que se rememora é ausente, é apenas alcançado sob representação.” (REIS, 2010, p.36)

objeto de estudo” (ALBERTI, 1990, p. 1-2). Entre outras palavras, trata de trazer a visão dos sujeitos que participaram do desenrolar histórico e dos acontecimentos que buscamos compreender.

Tais preocupações com a memória, também perpassam por questões éticas das quais destacamos a preocupação com o entrevistado e as políticas de usos dessa memória, segundo Thomson (2006). O autor nos diz que ao mesmo tempo em que a entrevista pode ser de grande importância para a pesquisa, pode ser prejudicial para o entrevistado. Ter cautela neste momento é observar que o bem estar do mesmo deve vir em primeiro lugar. Todavia, Thomson (2006), também nos adverte sobre o dilema da utilização e contestação de algumas dessas memórias. Torna-se fácil tornar um grupo marginalizado como agente da construção social, contudo, criticar a memória do entrevistado e desconstruir determinadas concepções que o mesmo trás, pode colocar o pesquisado em um jogo dúbio entre os interesses do entrevistado e a responsabilidade crítica do historiador.

Todavia, compreendemos que a importância do uso do método de História Oral contribui para incluir os Arrumadores, ou seja, os sujeitos comuns, no processo histórico. Desta forma isto é se aliar a concepção de Thompson, buscando uma história de baixo para cima, ao mesmo tempo em que a produção documental deste conjunto de experiências obtidas através das entrevistas são de grande importância “Para controlar os abusos e vencer o esquecimento, para restabelecer a relação realista com o passado, a memória envolveu-se na ‘armadura da escritura’, na historiografia.” (REIS, 2010, p.41)

### **Considerações finais**

Conforme foi visto ao longo deste trabalho, existe uma lacuna historiográfica sobre a categoria Arrumadores, no Porto de Rio Grande. Isto se deve ao fato de que ainda não foram feitas pesquisas específicas que tratem da história desses indivíduos; quando aparecem junto às demais bibliografias pertinentes ao tema portuário, apenas tangenciam tais pesquisas. Deste modo, nossa pesquisa terá como foco analisar, através da memória, a formação desta categoria, buscando compreender da fundação de seu sindicato, aos principais elementos que compõem as suas atividades de trabalho no cais, bem como sua relação com as demais categorias existentes no ambiente de trabalho portuário.

Desta forma, buscaremos focar quanto às formas de ingresso dos mesmos no trabalho portuário, suas relações familiares, políticas e cotidianas. Em contato com suas memórias, traçar suas redes de relações através do contato



com amigos que também trabalhavam no porto, os quais poderiam refletir tanto no aprendizado sobre a forma de execução das atividades pertinentes a categoria que ingressariam, assim como em facilitações para a aquisição de uma vaga de emprego. Em outras palavras, será através de um trabalho de fôlego que nosso objetivo poderá ser alcançado, uma vez que consiste em fazer uma pesquisa minuciosa sobre os vários aspectos da trajetória deste grupo.

Em suma, buscamos ao longo deste trabalho, abordar os principais aspectos sob os quais nosso projeto será desenvolvido, desenvolvendo brevemente os métodos e os conceitos norteadores de nossa pesquisa. Por fim, salientado que será a partir do estudo da memória reavivada desses trabalhadores portuários e do diálogo com as demais fontes que buscaremos entender os caminhos que levaram a organização da sua entidade sindical local no contexto da década de 1950, mais especificamente os anos de 1955 a 1964.

**Referencias Bibliográficas**

ALBERTI, Verena. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. Pg. 01-2.

\_\_\_\_\_. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassenezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassenezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la Memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CARVALHAL, Marcelo D.; BARROS, Thiago P. Os sindicatos de Estivadores de Santos e São Sebastião: uma discussão sobre sindicalismo e modernização dos portos. In: **VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS**, 2014. Vitória, ES: AGB, 2014. v. 1. p. 1-11.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

FALCÃO, Jairo. **Cooperação, experiência e sobrevivência**: A história dos trabalhadores do Porto de Porto Alegre (1961-1989). 2009. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação, Universidade Vale do Rio Sinos- Unisinos, São Leopoldo.

FRIDERICHES, Lidiane. **Saindo dos trilhos**: Os ferroviários riograndinos durante a ditadura civil-militar (1960-1970). 2013. 188f. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GANDRA, Edgar Ávila. **O cais da Resistência**: a trajetória do sindicato dos trabalhadores nos serviços portuários de Rio Grande no período de 1959 a 1969. Cruz Alta: UNICRUZ, 1999.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Paz e Terra, São Paulo, 1992.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a cidade de Pelotas (1680-1890). Pelotas: Mundial, 1993.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Manual do trabalho portuário e ementário**. Brasília: TEM, STI, 2001.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. **Quem é do mar não enjoa**: Memória e Experiência de Estivadores do Rio Grande/RS (1945- 1993). São Paulo, PUC, 2000.

\_\_\_\_\_. Imagens de Estivadores. In: **III ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: PODER, CULTURA E DIVERSIDADE**. Caetité: MULTI-MEDIA, 2007.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PEDROSO, Ticiano Duarte. **Cidade Nova**: narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande. 2012. 162f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-graduação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PIMENTEL, Alessandra. **O método da análise documental**: seu uso numa pesquisa historiográfica. Caderno de Pesquisa, n. 114, p. 179-195, novembro, 2001.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

REIS, Roberto Rangel. **Trabalho Marítimo**: estivadores, conferentes, consertadores, arrumadores – legislação específica, resoluções, normativas do conselho superior do trabalho marítimo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1973.

SARTI, Ingrid. **O porto Vermelho**: os estivadores santistas no sindicato e na política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SILVA, Thiago Cedrez da. Dos porões ao cais : memórias da trajetória do sindicato da estiva de rio grande-rs nos anos de 1960 A 1970. In: **OFICINA DO HISTORIADOR**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 7, p. 787-804, 2014.

SILVA, Tomaz T. da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4º Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **Miséria da teoria ou um planetário de erros**: Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1981.

THOMSON, Alistair. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMARO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Org). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.65.

VANGELISTA, Chiara. **Formas de fabulação na construção do passado**: história e memória em torno da brasilidade. Disponível em <[http://www.unicamp.br/siarq/sbh/Vangelista\\_Chiara-Historia\\_Memoria\\_Brasilidade.pdf](http://www.unicamp.br/siarq/sbh/Vangelista_Chiara-Historia_Memoria_Brasilidade.pdf)> Acessado em 8/9/2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz T. da (Org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 4º Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

---

**Abstract:** This paper is about my research project proposal which will seek to reconstruct the trajectory of the experiences and everyday work relationships of Arrumadores category of Rio Grandes's port, in the years 1955 to 1964. Therefore, our research will focus on analyzing through the revived memory, the formation of its class, trying to understand the foundation of their union, the main elements that comprehend their work activities on the pier as well as its relationship to other existing categories in the port work environment. Our crop will be limited between the years 1955 and 1964, since characterize both the period in which the employees become formally the port work supplementary force in Rio Grande; as well as the period of 64 features according to the literature on, as a moment of union repression, because of the introduction of the Civil-Military Dictatorship in Brazil.

**Key Words:** Arrumadores. Port. Oral History.

---